

Os sobrenomes dos alunos do IFRS *campus* Bento Gonçalves: um estudo onomástico

The surnames of the students of IFRS *campus* Bento Gonçalves: an onomastic study

Kleber Eckert*

RESUMO: O presente artigo propõe-se a fazer um estudo antroponímico a partir dos sobrenomes do corpo discente do IFRS *campus* Bento Gonçalves. Para tanto, fez-se um levantamento dos 20 sobrenomes que ocorrem com mais frequência, os quais foram divididos por origem étnica e analisados histórica e etimologicamente, levando-se em conta também os usos desses sobrenomes no Rio Grande do Sul e no Brasil. Além de discutir questões inerentes à onomástica e, dentro dela, a antroponímia, chegou-se à conclusão de que existe uma estreita relação entre os sobrenomes dos alunos matriculados no *campus* e a região onde ele está localizado, sobretudo quanto à origem étnico-linguística desses sobrenomes.

PALAVRAS-CHAVE: Onomástica. Antroponímia. Sobrenomes. IFRS *campus* Bento Gonçalves.

ABSTRACT: The present paper proposes to make an anthroponymic study from the surnames of students at IFRS *campus* Bento Gonçalves. Therefore, a survey of 20 surnames that occur more frequently was carried out, which were divided by ethnic group and historically and etymologically analyzed, also taking into account the use of these surnames in Rio Grande do Sul and in Brazil. Besides discussing issues inherent onomastic and, in it, anthroponymy, as a conclusion, it was found that there is a close relation between the surname of the students enrolled in the campus and the region where it is located, especially as for the ethno-linguistic origin of these surnames.

KEYWORDS: Onomastics. Anthroponymy. Surnames. IFRS *campus* Bento Gonçalves

1. Introdução

Este artigo resulta das primeiras considerações realizadas a partir do projeto de pesquisa intitulado “Perfil antroponímico dos estudantes do IFRS *campus* Bento Gonçalves”, desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS. O objetivo principal do projeto como um todo é traçar um perfil antroponímico completo dos estudantes do *campus* regularmente matriculados no ano de 2015 e as discussões acerca dos sobrenomes, desenvolvidas neste artigo, inserem-se nesse objetivo.

* Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS – *campus* Bento Gonçalves. Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade (2009) pela Universidade de Caxias do Sul – UCS e Doutor em Letras (2014) pela mesma instituição.

O estudo justifica-se, em primeiro lugar, pelo ineditismo da abordagem, uma vez que não foi realizado, até onde foi possível saber, nenhum estudo acerca dos nomes e sobrenomes do grupo de estudantes do *campus* Bento Gonçalves. Em segundo lugar, estudar os sobrenomes é dedicar-se a um estudo interdisciplinar, no qual dialogam diferentes áreas do conhecimento, como a Linguística, a História, a Geografia, a Antropologia, principalmente. Além disso, para Frosi (2014, p. 410), os sobrenomes, “fixados na pátria de origem de seus portadores, [...] constituem um bem linguístico-cultural precioso, repassado de geração em geração, até os dias atuais”. A autora complementa afirmando que “herdados dos ancestrais e por eles transmitidos às gerações subsequentes, os sobrenomes reproduzem, através dos séculos, signos onomásticos estreitamente relacionados à vida das pessoas” (FROSI, 2014, p. 410).

Neste artigo, encontram-se discussões relativas à onomástica – ciência dos nomes próprios –, cuja base teórica apoia-se nos pressupostos de Vasconcelos (1931), Dauzat (1950), Guérios (1973), Mexias-Simon e Oliveira (2004), Seabra (2006), Carvalhinhos (2007), Mioranza (2009) e Marcato (2009). Como parte da onomástica, reflete-se especificamente sobre a antroponímia¹ – estudo dos nomes de pessoas –, e são feitas ponderações quanto a aspectos étnico-linguísticos, histórico-culturais, psicológicos e sociais dos sobrenomes, com base em, além dos já citados acima, Dick (2000), Martins (2002), Schauren (2011) e Frosi (2014).

Quanto à metodologia de pesquisa, inicialmente, foram listados todos os nomes dos alunos regularmente matriculados no ano de 2015 no *campus* Bento Gonçalves em planilhas Excel. A seguir, foram separados todos os nomes e sobrenomes e, de posse destes últimos, verificou-se a origem étnica de cada um deles, com base em dicionários de sobrenomes, em livros sobre a origem dos sobrenomes e, quando a dúvida persistia, recorria-se a sítios eletrônicos de sobrenomes e de famílias. Quanto aos grupos étnicos, a classificação deu-se entre italianos, lusos, alemães, franceses e poloneses, principalmente, pois foram essas as etnias que ocuparam preponderantemente os territórios de onde provêm os alunos matriculados no *campus* Bento Gonçalves.

Após a classificação em grupos étnicos, foram listados os 20 sobrenomes mais frequentes, a partir dos quais se tentou fazer uma análise tipológica – patronímicos, geográficos,

¹ Neste artigo, por opção terminológica do autor, utiliza-se o termo *antroponímia* tanto para identificar a ciência que trata do estudo dos nomes próprios de pessoas quanto para identificar o conjunto desses nomes, no presente caso, o dos sobrenomes.

de atividades profissionais e religiosos – e etimológica de cada um deles, além de um levantamento histórico sobre a origem de cada sobrenome em relação a seu uso no Brasil e no Rio Grande do Sul. Essas análises basearam-se em Vasconcelos (1931), Guérios (1973), Obata (1986), Klering (1988), Barata e Bueno (1999), Marcato e Cafarelli (2008) e Mioranza (2009).

Ressalta-se, ainda, que o presente artigo é a etapa inicial de uma pesquisa que está em curso e que a divulgação destes primeiros resultados encontra justificativa na importância da divulgação do conhecimento científico. O *corpus* que possibilitou as análises aqui realizadas poderá servir para outros estudos, como o dos prenomes e, conforme informado anteriormente, para traçar o perfil antroponímico completo dos estudantes do IFRS *campus* Bento Gonçalves.

2. A onomástica

Antes de adentrar na conceituação e nos estudos da onomástica, é preciso situá-la no campo de investigação das ciências da linguagem, mais especificamente na lexicologia, que é o setor dos estudos linguísticos em que ela está ancorada. Seabra (2006) apresenta uma definição bastante elucidativa, que está reproduzida a seguir, que explica o que é léxico de uma língua e a partir da qual se consegue relacionar a onomástica e a lexicologia.

Tradicionalmente, o léxico é definido como o conjunto de palavras de uma língua, responsável por nomear e exprimir o universo de uma sociedade. Transmitidos de geração a geração como *signos operacionais*, é através dos *nomes* que o homem exerce a sua capacidade de exprimir sentimentos e ideias, de *crystalizar* conceitos. Assim, o patrimônio lexical de uma língua constitui um arquivo que armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, refletindo percepções e experiências multiseculares de um povo. A essa ciências linguística dá-se o nome de *lexicologia* (SEABRA, 2006, p. 1953).

Portanto, é no ramo da lexicologia que se situam os estudos da onomástica, que tem por objeto de estudo os nomes próprios de diferentes tipologias, principalmente os nomes de pessoas e de lugares. A origem do termo onomástica encontra-se nas formas gregas *onoma* (nome) e *tékne* (arte), resultando em *onomastiké*, com o significado de *a arte de nomear*. A palavra grega é incorporada ao latim tardio como *onomasticon* e, mais tarde, entra no português como onomástica. Há estudiosos que adotam a forma onomasiologia (Guérios, 1973, p. 15) ou onomatologia (Vasconcelos, 1931, p. 3) para designar a ciência dos nomes próprios.

Mioranza (2009) defende que a disciplina está em constante diálogo com outras áreas da linguística, dentre elas, especialmente com a linguística histórica, que

estuda as raízes antigas e distantes que propiciaram o surgimento e a fixação dos nomes e sobrenomes. Essa parte da linguística, que busca origens e remonta aos vocábulos antigos, é chamada de etimologia. Os estudos etimológicos se voltam, portanto, sempre para o passado e procuram interpretar não somente as raízes lexicais como também todo o contexto histórico e social em que elas surgiram (MIORANZA, 2009, p. 27).

Os dois principais campos de investigação, conforme já afirmado acima, são os nomes de pessoas e os nomes de lugar, respectivamente, denominados antroponímia e toponímia. Guérios (1973), por sua vez, acrescenta outras áreas que também pertencem aos estudos onomásticos, como os de “*Teonímia* – estudo dos nomes de deuses e seres sobrenaturais; de *Zoonímia* – dos nomes dos animais; de *Astronímia* – dos nomes de astros e símiles. Mais recentemente, introduziu-se a seção *Onionímia* – estudos dos nomes de produtos comerciais” (GUÉRIOS, 1973, p. 15).

Levando-se em conta as duas áreas principais, Antroponímia e Toponímia, Seabra (2006) ressalta a confluência que existe entre elas:

Apesar de se constituírem em campos semânticos de dimensões variáveis da *Onomástica* – *pessoa e lugar* – têm na mesma uma relação de inclusão, uma vez que se encontram no *onoma*, em uma área de intersecção: o vocábulo ao deixar o seu uso pleno na língua, transitando para o uso onomástico, reveste-se de caráter denominativo – em uso dêitico ou anafórico – e passa a ser referencializado como topônimo ou antropônimo (p. 1954, grifos da autora).

Quanto à diferença entre o nome comum e o próprio, Guérios (1973) acredita que a distinção é artificial na perspectiva do linguista, uma vez que, na origem – seja ela remota ou não – todos os nomes próprios eram comuns. Apesar da aparente artificialidade, segundo o autor, existe uma distinção real e concreta:

Todos os vocábulos ou signos possuem “alma”, i. é, *sentido* ou *significado*, e “corpo” ou *significante*, que é, na linguagem falada, o *som*, e na linguagem gráfica a *escrita*. Ora, os nomes próprios não lembram hoje, no intercâmbio linguístico, os sentidos que despertavam outrora na sua origem, nem lembram

outros, donde se conclui que são vocábulos desprovidos de “alma”, ou melhor, ficaram “petrificados”; apenas conservaram o “corpo” ou significante (GUÉRIOS, 1973, p. 15-16, grifos do autor).

Quanto à diferença entre signo linguístico e signo onomástico, Seabra (2006, p. 1955) esclarece que é nas relações entre o significante, o significado e o referente que reside a principal diferença entre os dois: enquanto naquele a relação estabelece-se entre o significante e o significado, neste a relação estabelece-se diretamente entre o significante e o referente. Numa interpretação semelhante, Mexias-Simon e Oliveira (2004, p. 15) defendem que a principal diferença entre os nomes próprios e os comuns é que a forma que constitui o significante do nome próprio nem sempre é associada a um conjunto de propriedades. Nesse sentido, eles poderiam ser enquadrados como dêiticos, por sua capacidade de referência a algo ou alguém. Marcato (2009) posiciona-se na mesma perspectiva, ao afirmar que

Com relação a um signo linguístico, o signo onomástico é formado por um significante, uma entidade fônica que se reporta diretamente a um indivíduo, que tem a função de identificar um indivíduo no interior de uma coletividade, sem a passagem por um significado relativo a um elemento ou objeto, individual e concreto, isto é, a um “referente” (MARCATO, 2009, p. 19).

Marcato (2009, p. 18) e Guérios (1973, p. 26) ressaltam que o signo onomástico pode ser caracterizado pelos conceitos de opacidade e transparência. Um signo transparente pode ser identificado quando é possível, por exemplo, relacionar um sobrenome diretamente a um elemento de uma língua, ou então, de acordo com Guérios (1973, p. 16), quando se relaciona um topônimo como *Bahia* a um lugar que é, geomorficamente, uma baía. Por outro lado, quando essa possibilidade inexistente, é porque o signo onomástico surgiu numa época remota, quando no território em que ocorre esse signo falava-se outra língua. Nessa situação, é possível dizer que o signo é opaco, conforme exemplificação de Guérios (1973, p.16): “o nome *Licurgo* não lembra mais o caçador de lobos primitivo; nem *Hipólito* que tira ou solta os cavalos”.

A existência de signos onomásticos opacos é discutida por Carvalhinhos (2007, p. 13-15), que chama o fenômeno de esvaziamento semântico. A pesquisadora diz que essa dessemantização ocorre, por exemplo, a partir de um sobrenome surgido de alcunha. No momento do surgimento, o signo era transparente, mas quando o sobrenome foi passado a futuras gerações, o sentido percebido anteriormente foi perdido.

Para Marcato (2009), há uma complexidade envolvida na semântica do nome próprio e, por isso, é preciso examiná-lo levando em conta também uma perspectiva extralinguística, seja ela diacrônica ou sincrônica. Mioranza (2009) defende que é preciso considerar a onomástica num diálogo com outras áreas, fora da linguística, tais como a antropologia, a sociologia, a geografia, a história e a psicologia. É o que se percebe em Dauzat (1950, p. 06), para quem “o interesse psicológico e social dos nomes de pessoas é considerável. Para quem sabe interpretá-los, os nomes carregam em sua fisionomia o reflexo, a marca das civilizações passadas”.

2.1 A antroponímia – os sobrenomes

O objeto de estudo da antroponímia, numa explicação dada por Vasconcelos (1931, p. 03) é o estudo dos “nomes individuais com o dos sobrenomes e apelidos”. Neste trabalho, por nome individual entende-se o que também é chamado de nome próprio, nome pessoal, nome de batismo ou prenome; por sobrenome entende-se o que vem após o nome, geralmente herdado dos pais por tradição familiar; já um apelido “é dado a um indivíduo para distingui-lo de outro, pela profissão que desempenha ou através de um traço que lhe é peculiar, com base numa característica física ou moral, às vezes, com sentido irônico, jocoso e até sarcástico” (FROSI, 2014, p. 393).

Sobre a diferença entre o sobrenome e o nome (prenome), Dick (2000) esclarece que

Transmitidos de geração a geração, o nome ou o apelido de família carrega em si todas as marcas da descendência gentílica, não sendo por isso livre de escolha dos cidadãos. A imposição obrigatória do que se convencionou chamar, atualmente, de sobrenome, é o seu traço distintivo, em oposição ao prenome, fruto de um ato volitivo dos pais (DICK, 2000, p.218).

Como o objetivo do presente estudo é analisar os sobrenomes mais frequentes dos alunos do *campus* Bento Gonçalves, as reflexões a seguir contemplarão esse ramo da antroponímia, levando-se em conta aspectos histórico-culturais, sociais e etimológicos. Dauzat (1950) e Guérios (1973) concordam com o fato de os antropônimos – sejam nomes ou sobrenomes – poderem ser estudados a partir de duas perspectivas: a linguística e a psicológica e/ou social. Do ponto de vista linguístico, os antropônimos

oferecem fatos de estratificação e de esterilização igualmente importantes. Fósseis da língua, restos de leitos históricos submersos pelos contributos sucessivos das sedimentações lexicais, eles permitem reconstruir formas e tipos desaparecidos da fala corrente (DAUZAT, 1950, p. 09).

Em relação aos aspectos psicológicos e/ou sociais, os nomes e sobrenomes carregam consigo marcas de civilizações passadas e, conforme Guérios (1973, p. 18) “refletem as civilizações passadas com todas as suas instituições. Os nomes são criados sob o influxo religioso, político, histórico, etc., de circunstâncias variadíssimas, e em que transparece viva a alma popular de todos os tempos e de todos os lugares”.

Dauzat (1950) crê que, estudando os nomes e os sobrenomes, pode-se adentrar no cerne da alma popular de épocas remotas. Para o autor, eles são símbolos vivos de crenças e superstições atualmente desaparecidas. Carvalhinhos (2007) aponta para uma perspectiva semelhante, para quem o nome das pessoas é “um manancial rico para conhecimento não apenas da língua, mas também permite apreender um pouco de cultura, religião e até ideologia do povo que o criou em determinada época” (CARVALHINHOS, 2007, p. 16).

O surgimento da maioria dos sobrenomes ocidentais conhecidos atualmente ocorreu entre os séculos X e XVI, de acordo com Mioranza (2009) e Schauren (2011). Este último afirma que o surgimento deu-se para identificar e diferenciar “as pessoas do povo, as pessoas comuns, ou seja, não nobres” (p. 34), uma vez que já havia sobrenomes usados por reis e por membros da nobreza. Mioranza (2009) acredita que depois do século XVI “não se introduzem mais novos sobrenomes; tenta-se somente emprestar-lhes uma veste gráfica definitiva” (p. 135).

Schauren (2011) elenca os motivos do surgimento dos sobrenomes:

Numa época de grande expansão demográfica, as pessoas tinham necessidade de se diferenciar umas das outras. Nos séculos 11 e 12, grandes camadas do campo foram afluindo para as cidades. Levando em conta que não existia a variedade de nomes que temos hoje e que a Igreja recomendava que as pessoas fossem batizadas com nomes de santos, a identificação (diferenciação) tornava-se cada vez mais difícil. [...] Assim, numa determinada localidade, existiam tantos *João*, que era impossível distingui-los uns dos outros. A necessidade dos sobrenomes surgiu primeiro nas cidades e depois nos pequenos povoados no campo. Nas listas de impostos, listas de cidadãos, listas de alunos, havia a necessidade de um nome de família (SCHAUREN, 2011, p. 34).

Do ponto de vista histórico, os sobrenomes podem ser classificados em quatro grandes grupos, levando-se em conta a origem de cada um deles: patronímicos, profissão ou ocupação, topônimos, características físicas e/ou psicológicas (MIORANZA, 2011, p. 42). O autor alerta, no entanto, que nem sempre é possível classificar um sobrenome numa das categorias acima, ou então, há sobrenomes que se enquadram em mais de uma, dependendo do fato histórico que os motivou. Como exemplos, ele cita os zoonímicos e os fitonímicos e conclui que

na interpretação do significado do sobrenome, sempre se opta pelo sentido mais usual do termo que lhe deu origem, mesmo porque não há documentos históricos que provem o contrário. Quando os há [...] não subsiste sequer a necessidade de aventar hipóteses e suposições (MIORANZA, 2009, p. 45).

Os sobrenomes do primeiro grupo, dos patronímicos, que Mioranza (2009, p. 45-46) chama também de antroponímicos e matronímicos, derivam de nome próprio ou antropônimo. Para o autor “o nome do patriarca ou da matriarca que deu início a determinado núcleo familiar foi conservado na função de sobrenome por seus filhos e demais descendentes” (p. 45). Carvalhinhos (2007) detalha linguisticamente a situação, explicando que ao nome paterno (ou materno) agregava-se o genitivo latino posposto “passando por todas as formas do genitivo latino (-i, -e; -is, -es; -onis, -oni; -anis, -ani), as mais comuns foram as formas em -az, -iz, -oz e -uz” (p. 09). A pesquisadora apresenta o sobrenome *Fernandes*, que era um antropônimo transparente na Idade Média, com o significado de *filho de Fernando*.

A existência de patronímicos é destacada por Martins (2002, p. 75), ao afirmar que o fato é comum em praticamente todas as culturas europeias e acrescenta alguns exemplos em diferentes culturas: em português, *Rodrigues* significa, originalmente, *filho de Rodrigo*; em inglês, *Johnson* – *filho de John*; na Escócia, utiliza-se o prefixo *Mac* ou *Mc*, como em *MacDonald* – *filho de Donald*. Especificamente sobre o patronímico na Península Ibérica, Mexias-Simon e Oliveira (2004, p. 37) também citam o uso do nome no genitivo, com a terminação latina *-ici*, que deu origem ao *-es* em português e ao *-ez* em espanhol, como nos seguintes exemplos, respectivamente, *Fernandes/Lopes* e *Fernández/López*.

Quanto aos sobrenomes derivados de profissão ou ocupação, Frosi (2014, p. 398) afirma que “as atividades e profissões desenvolvidas pelas pessoas serviram de motivação ao denominador no ato de dar um apelido, ou um nome que, com o passar do tempo, se constitui

em sobrenome”. Já Schauren (2011, p. 35) explica como foi possível o surgimento de tantos sobrenomes derivados das atividades profissionais:

Durante a Idade Média, a Europa era composta por vilarejos que pertenciam aos senhores feudais. Cada localidade precisava dos serviços de pessoas para arar a terra, cuidar dos animais, fabricar ferramentas, tecer panos, costurar vestimentas, etc. A necessidade dos ofícios dessas pessoas nos feudos era tal, que muitas vezes os filhos continuavam desempenhando as mesmas atividades dos pais. Por ocasião de registros das pessoas, como pagamento de impostos, era normal identificar as pessoas por seus ofícios (SCHAUREN, 2011, p. 35).

Por isso, de acordo com Martins (2002, p. 74-75), é preciso lembrar que nem todos aqueles com o mesmo sobrenome originado de profissão sejam da mesma família, uma vez que em diferentes lugares a mesma profissão dava origem ao sobrenome utilizado. E quanto aos grupos étnicos em que essa sistemática era comum, Mexias-Simon e Oliveira (2004, p. 39-40) afirmam que, nas línguas latinas, são raros os sobrenomes vindos de profissão, ao contrário das línguas germânicas, em que esse procedimento era habitual.

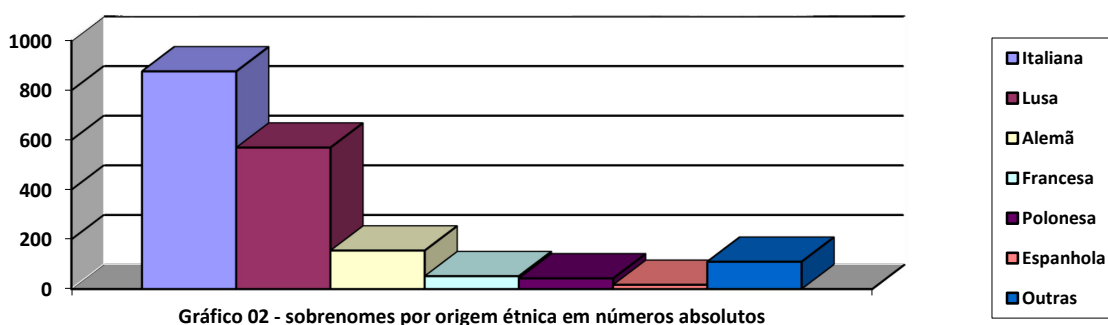
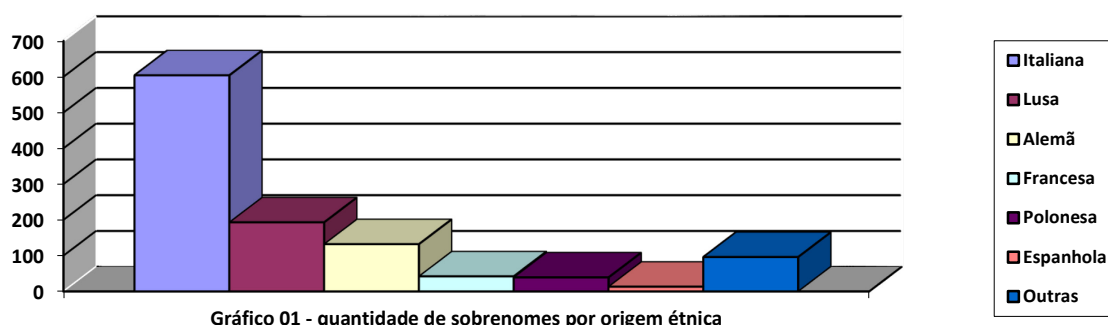
A origem dos sobrenomes advindos de nomes de lugar é comum em todas as línguas europeias e sua origem, segundo Carvalhinhos (2007), está no uso como alcunha, utilizada “para designar determinada pessoa proveniente de uma região. [...] Era adicionada então, ao nome do indivíduo, uma alcunha indicativa da região de origem” (p. 11). Para Mioranza, (2009, p. 48-51) esse tipo de sobrenome é um dos mais fáceis de ser reconhecido, pois estabelece uma relação direta entre o antropônimo e o lugar de referência, situado no tempo e no espaço. Para o autor, as motivações para a existência desses sobrenomes têm relação com cidades, povoados, regiões, gentílicos, e até mesmo espaços geográficos ainda mais específicos ou menores, como montanhas, vias públicas e cursos d’água.

O quarto grande grupo de sobrenomes é composto por aqueles originados de características físicas, psicológicas ou comportamentais dos indivíduos que, por sua vez, geraram alcunhas e, posteriormente, se transformaram em sobrenomes e, conseqüentemente, passaram a ser hereditários. Para Marcato (2009, p. 80), esse tipo de alcunha trazia consigo uma função distintiva, geralmente de sentido satírico, polêmico, depreciativo ou ofensivo e, de acordo com Dautat (1950, p. 165), por essas alcunhas serem irônicas ou pejorativas, as pessoas tentavam livrar-se delas, embora a maioria não conseguisse fazê-lo. Assim, depois de aceitas, essas formas fixavam-se, cristalizavam-se e tornavam-se hereditários.

Finalmente, existem ainda outras motivações antroponímicas que originaram sobrenomes, tais como mês e condição de nascimento, idade ou fases da vida, vestuário hábitos das pessoas (CARVALHINHOS, 2007, p. 12). Geralmente, esse tipo de sobrenome é classificado num grupo maior motivado por alcunha, no qual Carvalhinhos (2007, p. 12) também classifica os de profissão, de qualidade moral ou física e os de fauna e flora.

3. Os 20 sobrenomes mais frequentes: origem étnica e significados

A partir do *corpus* disponível, foram identificados 1.119 sobrenomes diferentes, num total de 1.824 registros, o que já mostra que há muitos sobrenomes diferentes em relação ao total de ocorrências. Quanto à origem étnica, foi possível identificar pelo menos seis grupos étnicos, com preponderância de italianos, lusos e alemães, conforme gráficos abaixo. No gráfico 01 podem ser vistas as quantidades de sobrenomes diferentes e, no gráfico 02, estão representados os números absolutos, ambos de acordo com o grupo étnico a que pertencem.



Ao analisar a origem étnica dos sobrenomes, na comparação dos dois gráficos, percebe-se uma consonância entre os dois tipos de análise, por sobrenomes diferentes e pelo número total de sobrenomes, embora seja perceptível que no gráfico 02 os sobrenomes de origem lusa estão em maior número que no gráfico 01, em comparação aos demais grupos étnicos, fato que

será abordado na análise dos 20 sobrenomes mais comuns do *corpus*. Quanto aos demais dados, é possível compreendê-los a partir da história do *campus* Bento Gonçalves e do município e região onde ele está inserido.

O *campus* recebe alunos de Bento Gonçalves, da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul – RCI², onde o município se insere, e de cidades de outras regiões limítrofes à RCI; logo, um maior número de sobrenomes italianos está plenamente de acordo com a história de ocupação e colonização da região. A presença de sobrenomes alemães explica-se por questões de proximidade, uma vez que a RCI encontra-se ao lado de regiões colonizadas preponderantemente por imigrantes alemães, como o Vale do Taquari e o Vale do Caí. No território da própria RCI, houve também pequenos núcleos de colonização francesa e polonesa, o que explica também a presença de sobrenomes pertencentes a esses dois grupos étnico-linguísticos.

Os 20 sobrenomes mais comuns, que equivalem a 272 registros, são: Silva³ (42), Souza⁴ (28), Oliveira⁵ (20), Machado (20), Rodrigues (20), dos Santos (17), Ferreira (14), Ferrari (12), Costa⁶ (11), Ribeiro (10), Bortolini (9), Corrêa (9), da Rosa (8), Fernandes (8), Martins (8), Nunes (8), Alves (7), Carvalho (7), de Toni (7) e Lazzarotto (7). Quanto à origem étnica, percebe-se que 16 são de origem lusa e apenas 04 de origem italiana, o que equivale a 80% e 20% respectivamente, conforme gráfico 03.

² A região onde se insere o município de Bento Gonçalves é denominado de RCI, pois é assim que a maioria dos estudiosos da história sociolinguística local se refere à região, que é composta, atualmente, por 55 municípios onde, a partir de 1875, teve início a imigração italiana no Rio Grande do Sul (FROSI; MIORANZA, 2009, p. 08).

³ Na lista dos sobrenomes, encontraram-se as formas *Silva* e *da Silva*. Para fins operacionais, ambos foram considerados sinônimos. Neste artigo, far-se-á referência sempre à forma *Silva*.

⁴ Na lista dos sobrenomes, encontraram-se as formas *Souza* e *de Souza*. Para fins operacionais, ambos foram considerados sinônimos. Neste artigo, far-se-á referência sempre à forma *Souza*.

⁵ Na lista dos sobrenomes, encontraram-se as formas *Oliveira* e *de Oliveira*. Para fins operacionais, ambos foram considerados sinônimos. Neste artigo, far-se-á referência sempre à forma *Oliveira*.

⁶ Na lista dos sobrenomes, encontraram-se as formas *Costa* e *da Costa*. Para fins operacionais, ambos foram considerados sinônimos. Neste artigo, far-se-á referência sempre à forma *Costa*.

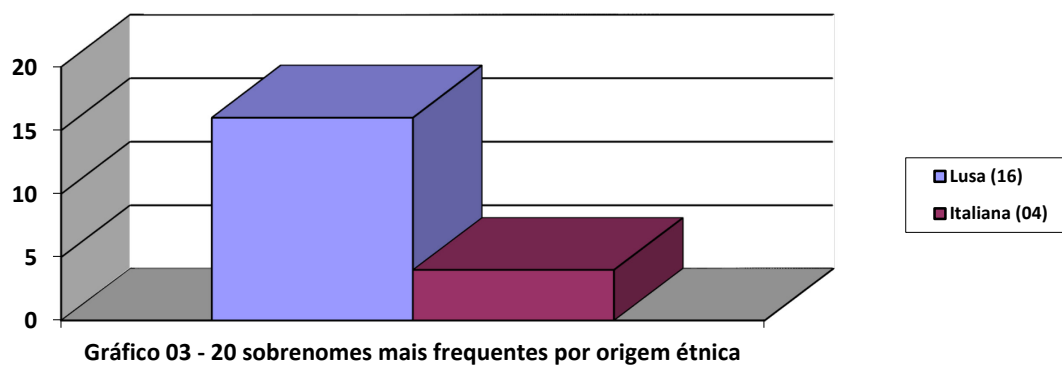
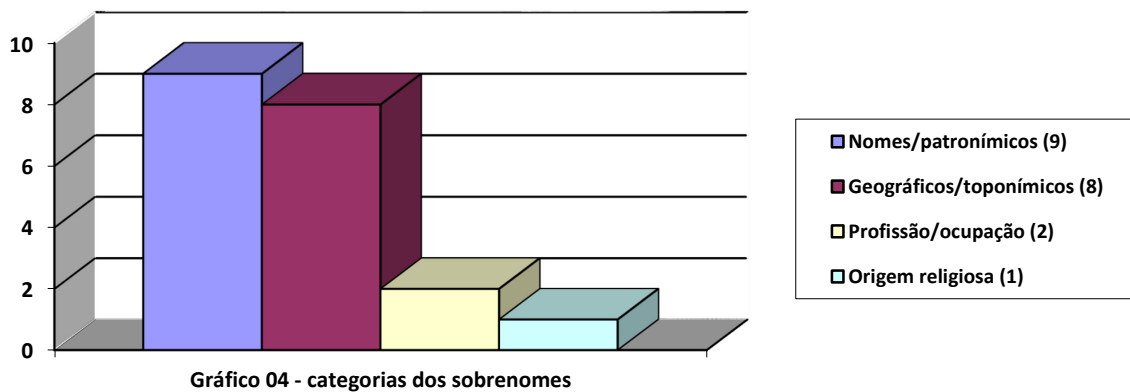


Gráfico 03 - 20 sobrenomes mais frequentes por origem étnica

Assim, apesar de Bento Gonçalves e região terem sido colonizados preponderantemente por imigrantes italianos e seus descendentes, essa marca não se evidencia tão fortemente nos 20 sobrenomes mais comuns, apenas na análise de todos os sobrenomes dos estudantes do *corpus*. A maciça presença de sobrenomes de origem lusa entre os 20 sobrenomes mais frequentes pode ser explicada em consonância com as reflexões de Simões (2011, p. 23), para quem os 50 sobrenomes lusos mais comuns correspondem a um quarto da população do Brasil e à metade da população de Portugal. Portanto, nos sobrenomes do *corpus*, essa repetição também está evidenciada, já que, em números absolutos, os sobrenomes de outros grupos étnicos, como os italianos, superam em larga escala o número de sobrenomes lusos.

Levando-se em conta a tipologia dos sobrenomes, foram identificadas algumas categorias, com predominância dos de origem toponímica e patronímica/antroponímica, isto é, vindos de referências de um lugar e a partir de um nome pessoal, respectivamente. Na categoria dos antroponímicos e patronímicos, citam-se: *Rodrigues, Bortolini, da Rosa, Fernandes, Martins, Nunes, Alves, de Toni* e *Lazzarotto*. Já os de origem toponímica são *Silva, Souza, Oliveira, Ferreira, Costa, Ribeiro, Corrêa* e *Carvalho*, com o significado de selva, seixos, árvore da azeitona, jazida de ferro, costa do mar, pequeno rio, lugar onde há plantas da família das convolvuláceas e árvore do gênero *Quercus*. Há ainda outras categorias, como os derivados de profissão e/ou ocupação, como *Machado* e *Ferrari*, que significam quem se ocupa com o machado e ferreiro; e o sobrenome de origem religiosa, como *dos Santos*, que faz alusão ao Dia de Todos os Santos (Gráfico 04).



Com base no *corpus* dos 20 sobrenomes com maior frequência, far-se-á, a seguir, uma análise histórico-etimológica de cada um deles. Também haverá a tentativa de estabelecer comparações com dados numéricos dos sobrenomes do Rio Grande do Sul, com base num estudo realizado por Klering (1988) na Companhia de Processamento de Dados do Rio Grande do Sul e com um levantamento de Simões (2011) sobre os sobrenomes portugueses mais utilizados no Brasil.

SILVA – É o sobrenome mais comum dos alunos do *campus* Bento Gonçalves, do Rio Grande do Sul e do Brasil. A origem do sobrenome é geográfica e deriva da palavra latina *silva*, com o significado de selva ou floresta (GUÉRIOS, 1973, p. 199). Mioranza (2009, p. 212) acrescenta que o sobrenome “relembra cidadão que habitava em áreas de selvas e florestas ou que delas extraía madeira, lenha e outras riquezas comercializáveis”. Barata e Bueno (1999, p. 2.064-5) apresentam a mesma visão acerca da origem do sobrenome, com a ressalva de que a origem geográfica limita-se àqueles que não são de sangue azul. Os autores ainda informam que o registro mais antigo que se tem de *Silva* no Brasil foi em 1612, em São Paulo. No Rio Grande do Sul, o registro mais antigo é de 1735, numa referência à família de Antônio da Silva Caldeira, que emigrou da Ilha de Madeira.

SOUZA – É o segundo sobrenome com mais ocorrências no *corpus* analisado, é o quarto mais comum no Rio Grande do Sul e uma dos mais frequentes do Brasil. De acordo com Guérios (1973, p. 201), a origem do sobrenome é geográfica, com o significado de seixos, rochas, proveniente do latim *saxa* [saksa]. A forma original latina entra no português arcaico por volta do século XI de duas formas diferentes: Seixas e Sausa, esta última evolui para Sousa, em Portugal e, mais tarde, no Brasil, passa a ser grafada como Souza. Barata e Bueno (1999, p.

2.080) acrescentam que o sobrenome foi usado por uma família ilustre e antiga de Portugal, e, no Brasil, o sobrenome aparece em Martin Afonso de Souza, donatário da capitania de São Vicente, e em Tomé de Souza, o primeiro governador-geral do Brasil.

OLIVEIRA – É o terceiro sobrenome mais comum no *campus* Bento Gonçalves e também no Rio Grande do Sul. No Brasil, figura entre os sobrenomes mais populares e significa, de acordo com Guérios (1973, p. 171), árvore que produz a azeitona. A forma Oliveira, segundo o autor, era registrada no português arcaico de duas formas: Olveira e Ulveira. Barata e Bueno (1999, p. 1.555) também registram a origem toponímica do sobrenome e destacam que se originou de propriedades rurais que cultivavam as árvores da azeitona. Os autores registram o ano de 1617 como a data mais antiga de que se tem registro do sobrenome Oliveira no Brasil, ano em que ocorreu o casamento de Bento de Oliveira. No Rio Grande do Sul, por sua vez, o sobrenome foi encontrado em documentos do ano de 1734, a partir dos registros da família de Domingos Fernandes de Oliveira.

MACHADO – O quarto sobrenome mais comum do *corpus* encontra-se na sétima posição no Rio Grande do Sul e na nona colocação nos sobrenomes do Brasil. A hipótese mais provável é apresentada por Guérios (1973, p. 149), para quem o sobrenome pode ter sido utilizado para identificar “o vendedor ou fabricante de machados” ou ainda como “alcunha de quem sempre andava com machado”. A mesma origem é apontada por Barata e Bueno (1999, p. 1.387), que explicam o surgimento do sobrenome como alcunha a partir de D. Mendo Moniz, que era senhor de Ganderei e conhecido pela ação de quebrar as portas de Santarém com o uso de machados, no ano de 1147.

RODRIGUES – É o quinto sobrenome com maior quantidade de ocorrências entre os alunos do *campus* Bento Gonçalves, é também o quinto colocado nos sobrenomes mais comuns do Rio Grande do Sul e o oitavo do Brasil. Guérios (1973, p. 188) afirma que o sobrenome é um patronímico que se originou do nome Rodrigo. O autor ainda registra que em espanhol o mesmo patronímico escreve-se Rodríguez. Quanto ao étimo, Obata (1986, p. 167) explica que a origem está na forma germânica *Hrod-rich*, com o significado de rico em glória ou senhor da glória, forma que foi imortalizada pelo último rei visigodo.

SANTOS – Trata-se do sexto sobrenome mais popular do *corpus* e do segundo no Rio Grande do Sul e no Brasil. Guérios (1973, p. 195) explica que a origem do sobrenome é cristã e que é uma abreviação da expressão *Todos os Santos*, numa referência ao dia 1º de novembro,

data em que se comemoram todos os santos da igreja católica. O autor acrescenta como o mesmo sobrenome é registrado em francês (Toussaint) e em italiano (Sante, Santi, Ognissanti, Santoro). Barata e Bueno (1999, p. 2.010) também fazem referência ao sobrenome como de origem religiosa e informam que ele era dado, inicialmente, às pessoas nascidas em 1º de novembro. Os autores acrescentam ainda uma segunda hipótese sobre a origem do sobrenome, que pode ter derivado de uma região da Andaluzia, na Espanha, chamada *Sierra de los Santos*. Atualmente, é um sobrenome espalhado por todos os estados do Brasil.

FERREIRA – Na lista dos sobrenomes mais comuns do *corpus*, encontra-se em sétimo lugar, no Rio Grande do Sul ocupa a décima primeira colocação e no Brasil está em sexto lugar. O sobrenome é de origem geográfica, conforme Guérios (1973, p. 107) e significa “lugar onde há ferro; mina ou jazida de ferro – observado pelos romanos ou luso-romanos, em terrenos da Lusitânia”. Barata e Bueno (1999) afirmam que o registro mais antigo do sobrenome remonta ao ano de 1095, quando Rio Pires o utilizou a partir da “localidade de Ferreira de Aves, de que era senhor e onde fundou o solar da família” (p. 962).

FERRARI – É o oitavo sobrenome mais comum do *corpus* e o primeiro de origem italiana. Ele também figura entre os sobrenomes italianos mais frequentes do Rio Grande do Sul e tem seu significado derivado de profissão: ferreiro (Guérios, 1973, p. 107). Marcato e Caffarelli (2008, p. 756), acreditam que, na base do sobrenome Ferrari, está um apelido, que depois passou a ser usado como nome dado àquele que exercia a profissão de ferreiro. Mais tarde, o nome transformou-se em sobrenome. Os autores ainda apresentam outras explicações possíveis para o sobrenome: pode ter sido usado em sentido figurado para fazer alusão a uma pessoa que tinha força de caráter ou então numa referência à cor do ferro.

COSTA⁷ – É o nono sobrenome mais comum entre os alunos do *campus* Bento Gonçalves, o décimo do Rio Grande do Sul e sétimo do Brasil. É um sobrenome de origem geográfica utilizado, originalmente, na orografia (GUÉRIOS, 1973, p. 85). De acordo com Barata e Bueno (1999, p. 788), houve muita imigração de famílias com o sobrenome Costa para o Brasil, em diferentes lugares do país, mas “não se pode considerar todos os Costas existentes no Brasil, mesmo procedentes de Portugal, sejam parentes, porque são inúmeras as famílias que

⁷ De acordo com Barata e Bueno (1999, p. 788), o sobrenome Costa pode ser tanto de origem portuguesa quanto espanhola e italiana. Neste trabalho, por não ter sido possível separá-lo nos três grupos étnico-linguísticos, ele foi considerado, por motivos operacionais, de origem portuguesa.

adotaram este sobrenome pela simples razão de ser de origem geográfica, ou seja, tirado do lugar de Costa” (BARATA; BUENO, 1999, p. 788).

RIBEIRO – É o décimo sobrenome mais frequente entre os sobrenomes do *corpus*, o vigésimo do Rio Grande do Sul e também o décimo do Brasil. O sobrenome é de origem geográfica e significa, exatamente, riozinho. Ele tem equivalentes em francês – Rivière, Ribière, Ribyre e Ribier – e em espanhol – Ribera, Rivera e Ribero (GUÉRIOS, 1973, p. 187). Barata e Bueno (1999, p. 1.902-3) apresentam a mesma versão para o significado do sobrenome e acrescentam que os primeiros registros remontam ao século X, à família de D. Ramiro III, rei de Leão, falecido em 984.

BORTOLINI – É o décimo primeiro sobrenome mais frequente entre os estudantes do *campus* Bento Gonçalves e o segundo se se consideram apenas os de origem italiana. De acordo com Cafarelli e Marcato (2008, p. 277), a origem remete ao nome Bortolo ou Bertolo, aos quais se acrescenta o sufixo *-ino*, para a formação do sobrenome. Ainda hoje é um sobrenome bastante representativo no norte da Itália, espalhado em diversas províncias, como Vêneto, Piemonte, Lombardia e Emília-Romanha, entre outras (CAFARELLI; MARCATO, 2008, p. 277).

CORRÊA – É o décimo segundo sobrenome mais comum entre os alunos, no Rio Grande do Sul figura na vigésima primeira posição e no Brasil está em décimo nono lugar. O sobrenome é registrado também como Correia e deriva do nome de uma planta e, por isso, pode ter uma origem metafórica pela semelhança da planta ou de seus filamentos com correias ou tiras de couro (VASCONCELOS, 1931, p. 70). A mesma explicação é dada por Guérios (1973, p. 85), que acrescenta que a forma do sobrenome aparece também na toponímia portuguesa e galega, como Correia e Correa/Las Correas, respectivamente. Barata e Bueno (1999, p. 772) informam que o sobrenome surgiu como alcunha e que, no Brasil, entraram numerosas famílias, em diferentes ocasiões, espalhando-se por todo o território.

DA ROSA – É o décimo terceiro sobrenome mais comum entre os alunos, o nono no Rio Grande do Sul, mas não figura entre os cinquenta mais populares do Brasil. Originado da palavra latina *rosa* – flor da roseira, o sobrenome surgiu a partir do nome feminino Rosa. De acordo com Mioranza (2009, p. 169) a passagem de nome comum a nome próprio deu-se no final do Império Romano, quando muitos pais davam o nome à filha com o intuito de que ela crescesse bela, formosa e delicada como essa flor. Segundo Guérios (1973, p. 189), o nome

Rosa difundiu-se graças à Santa Rosa de Viterbo, no século XIII e a Santa Rosa de Lima, no século XVII. No Rio Grande do Sul, os primeiros registros do sobrenome ocorrem em 1816, ano em que a família de Luiz Antônio da Rosa veio emigrado de ilhas portuguesas (BARATA; BUENO, 1999, p. 1.963).

FERNANDES – Além de ser o décimo quarto nome mais popular entre os alunos, figura entre os cinquenta sobrenomes mais frequentes do Rio Grande do Sul e do Brasil. A origem do sobrenome está no nome Fernando, ou seja, ele surge como um patronímico (GUÉRIOS, 1973, p. 107). Barata e Bueno (1999, p. 947) registram as formas *Fernandici*, *Fernandiz*, *Fernandez* em documentos portugueses entre os anos de 915 a 1078. Os autores ainda apresentam a evolução fonético-ortográfica do sobrenome: “No latim ibérico, constituiu-se esse tipo de apelido com o sufixo “-ícus” no genitivo, isto é, “-íci”. É quase certo que se trata de um sufixo ibérico “-ko”, indicativo de descendência, com as desinências latinas da 2ª declinação”.

MARTINS – No *corpus* dos sobrenomes, é o décimo quinto mais comum, no Rio Grande do Sul está na décima terceira posição e no Brasil na décima segunda. O sobrenome é um patronímico que provém do nome Martim ou Martino (GUÉRIOS, 1973, p. 153). De acordo com Barata e Bueno (1999, p. 1.443), assim como os demais patronímicos da Península Ibérica, o sobrenome foi formado com o acréscimo de um sufixo ibérico designativo de descendência, o qual utilizou as desinências latinas da 2ª declinação.

NUNES – É o décimo sexto sobrenome mais frequente entre os alunos do *campus* Bento Gonçalves e do Rio Grande do Sul, embora não figure entre os mais comuns do Brasil. A origem está, conforme Guérios (1973, p. 167), no nome Nuno, a partir do qual se forma o patronímico Nunes, originalmente Núnez. Barata e Bueno (1999, p. 1.640) explicam que o sobrenome surge no baixo latim e é encontrado em documentos a partir do ano 964, como Nunniz, em 1053 como Nunnez e em 1054 como Nunnici e Nunuzi.

ALVES – É o décimo sétimo sobrenome mais frequente do *corpus*, o décimo segundo do Rio Grande do Sul, embora não esteja entre os mais comuns do Brasil. A origem do sobrenome encontra-se numa abreviação do sobrenome Álvares que, por sua vez, é o patronímico de Álvaro (GUÉRIOS, 1973, p. 52). Além da origem em Álvares, é possível compreender o sobrenome a partir de uma derivação da forma Alvitici no baixo latim, registrada em 1073 como *aluitici* e em 915 como *aluitz* (BARATA; BUENO, 1999, p. 161).

CARVALHO – É o décimo oitavo sobrenome mais comum do *corpus*, o vigésimo oitavo do Rio Grande do Sul e o décimo terceiro do Brasil. Trata-se de um sobrenome português de origem geográfica, usado em Portugal desde o século XII, relativo à árvore do gênero *Quercus* (GUÉRIOS, 1973, p. 77). Barata e Bueno (1999, p. 667) apresentam a mesma explicação para a origem do sobrenome e acrescentam que ele foi “tomado ao antigo morgado de Carvalho, em terras de Coimbra, Portugal”, cujo registro remonta ao ano de 1131.

DE TONI – É o décimo nono sobrenome mais frequente do *corpus* e, se se consideram apenas os de origem italiana, o sobrenome ocupa a terceira posição. A hipótese para o sobrenome é de origem patronímica, a partir do nome Antonius. Para Mioranza (2009, p. 140), é muito difícil precisar o étimo de Antonius, uma vez que é possível que ele derive de grego *antéo* ou *antáo* com o sentido de opor-se; do latim *antistes* ou *antius*, com o significado de chefe e vanguardeiro, respectivamente; ou ainda de um étimo etrusco de significado desconhecido. Há registros do sobrenome em que a preposição *de* está aglutinada ao nome, formando-se, dessa forma, o sobrenome Detoni, fenômeno bastante conhecido e habitual no norte da Itália, nas regiões do Trentino e do Friuli (MIORANZA, 2009, p. 125).

LAZZAROTTO – É o vigésimo sobrenome mais frequente no *corpus* e, se se consideram somente os de origem italiana, ocupa a quarta posição. Segundo Cafarelli e Marcato (2008, p. 968-9), a origem remete ao nome Lázaro, ao qual se acrescenta o sufixo *-otto*. O nome, por sua vez, parece vir das palavras espanholas *lázaro* e *lazzaro*, com o significado de mendigo e maltrapilho, respectivamente. O sobrenome Lazzarotto é de origem vicentina (província de Vicenza, região do Vêneto), com provável epicentro em Bassano del Grappa, embora haja outras cidades que registram o sobrenome no noroeste da Itália (CAFARELLI; MARCATO, 2008, p. 968-9).

4. Considerações finais

Ao estudar o perfil dos sobrenomes dos alunos do *campus* Bento Gonçalves e analisar o significado e a origem dos mais frequentes, é possível elencar algumas considerações conclusivas. Em primeiro lugar, em relação ao conjunto total dos sobrenomes, destaca-se a predominância dos de origem italiana, cujos números estão em consonância com a história de ocupação e colonização de Bento Gonçalves e região, onde o *campus* está localizado.

Por outro lado, na listagem dos vinte sobrenomes mais populares, chama a atenção o fato de os italianos estarem em número bem menor, limitados a 20% do total, enquanto os de origem portuguesa ocupam a liderança. Nesse sentido, pode-se perceber que os sobrenomes de origem lusa repetem-se muito mais que os de origem italiana, fato que encontra amparo na pesquisa de Simões (2011, p 23), quando ele afirma que a um grupo de 50 sobrenomes correspondem a metade da população de Portugal e um quarto da do Brasil. Além disso, a marca da italianidade, tão presente nos primeiros tempos da ocupação e colonização de Bento Gonçalves e região, tem se mesclado a outras origens étnicas, sobretudo dos lusos, que estão, obviamente, em maior número no Estado e no país.

Quanto à origem dos sobrenomes mais frequentes, o fato de haver mais sobrenomes de origem geográfica e patronímicos e menos de profissão também tem a ver com o grupo étnico-linguístico a que eles pertencem. Os dados encontram respaldo em Mexias-Simon e Oliveira (2004, p. 39-40), segundo as quais, nas línguas latinas, é muito frequente a existência de sobrenomes derivados de acidentes geográficos, e mais raramente a de sobrenomes originados de profissão, ao contrário do que é fato habitual nas línguas germânicas.

Ainda nesse aspecto, Guérios (1973, p. 43) informa que os sobrenomes lusos de origem geográfica são assaz corriqueiros e que essa repetição não significa que existe entre eles uma relação de parentesco, já que sua origem pode estar em localidades homônimas. Nesse sentido, tome-se por exemplo o sobrenome *Oliveira*, que tem relação com a árvore que produz a azeitona e, provavelmente, havia inúmeras e variadas plantações de olivais em Portugal quando o sobrenome surgiu, fato que pode exemplificar a tese levantada por Guérios.

Um segundo aspecto a ser considerado é o do esvaziamento semântico, tema tratado por Carvalhinhos (2007, p. 13-15) no caso dos sobrenomes que passaram, com o tempo, de transparentes para opacos. No caso da presente pesquisa, é possível perceber que sobrenomes como os de origem geográfica não guardam mais, após séculos de seu surgimento, uma clara relação com o fato que os fez surgir. Um exemplo vê-se no sobrenome Carvalho, que pode ter sido usado como alcunha para uma pessoa que era forte ou alta como a árvore do gênero *Quercus*. No momento da alcunha, ainda se sabia a motivação antroponímica e, portanto, o sobrenome era transparente. Com o passar do tempo, o sobrenome Carvalho foi transmitido às gerações seguintes, que não mais receberam o conteúdo semântico que havia na alcunha e, portanto, a partir desse momento, o sobrenome tornou-se opaco.

Em relação às frequências, foi possível constatar que a maioria dos sobrenomes de origem portuguesa também aparece nas listagens dos sobrenomes mais populares do Rio Grande do Sul e do Brasil, tais como Silva, Souza, Oliveira, Rodrigues, Ferreira, etc. O mesmo fato já foi constatado em outros estudos antroponímicos, como o de Eckert (2013), e encontra amparo nas constatações de Simões (2011), quando afirma que a predominância dos sobrenomes portugueses no Brasil é motivada por razões históricas: “eles foram trazidos pelos milhões de lusitanos que se fixaram no Brasil [...] desde 1500, na condição de colonos ou de povoadores, e, a partir de 1822, na qualidade de imigrantes” (p. 07).

Finalmente, o presente artigo revelou uma parcela dos estudos antroponímicos que podem ser realizados a partir do *corpus* em questão: os nomes e sobrenomes dos estudantes do *campus* Bento Gonçalves. Existem ainda outras possibilidades de exploração dos dados, tais como confrontar, por exemplo, sobrenomes derivados de profissão de origens étnico-linguísticas distintas. É possível, ainda, realizar o mesmo estudo daqui a alguns anos, a fim de verificar mudanças que se estabelecem ao longo do tempo. Os resultados aqui apresentados representam uma mínima parte que pode, no entanto, estimular outros estudos dos sobrenomes a partir de outras cidades ou regiões do Rio Grande do Sul.

Referências Bibliográficas

BARATA, C. E.; BUENO, A. H. da C. **Dicionário das famílias brasileiras**. V. 01 e 02. São Paulo: Ibero América, 1999.

CAFFARELLI, E.; MARCATO, C. **I cognomi d'Italia**: dizionario storico ed etimologico. V. 1 e 2. Torino: UTET, 2008.

CARVALHINHOS, P. de J. As origens dos nomes de pessoas. In: **Domínios de Linguagem**, Ano 1, nº 1, 1º Sem. De 2007. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11401>. Acesso em: 27 de mar. de 2013.

DAUZAT, A. **Les noms de personnes**: origen et évolution Prénoms – Noms de famille – Surnoms. 4 ed. Paris: Delagrave, 1950.

DICK, M. V. do A. A Investigação Linguística na Onomástica Brasileira. In: **Estudos de Gramática Portuguesa III**. Frankfurt am Main, v. III, 2000.

ECKERT, K. Quem é quem? Um estudo antroponímico a partir dos sobrenomes do município de Lajeado-RS. In: **Domínios de Linguagem**, vol. 7, nº 1, jan./jun. 2013, disponível em

<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/21736>. Acesso em: 01 de jul. de 2015.

FROSI, V. M.; MIORANZA, C. **Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul**: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira. 2 ed. rev. e aum. Caxias do Sul: Educs, 2009.

FROSI, V. M. Sobrenomes italianos: um estudo onomástico. In: **Signum**: Estudos da Linguagem. Vol. 17, n. 2, p. 389-412, dez. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/18397>. Acesso em: 27 de ago. de 2015.

GUÉRIOS, R. F. M. **Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes**. 2 ed. São Paulo: Ave Maria, 1973.

KLERING, L. R. **Nomes mais comuns na terra do Rio Grande do Sul (RS)**. (1988). Disponível em: www.terragaucha.com.br/nomesRS. Acesso em: 16 de out. de 2012.

MARCATO, C. **Nomi di persona, nomi di luogo**: introduzione all'onomastica italiana. Bologna: il Mulino, 2009.

MARTINS, J. R. **Presságios**: o livro dos nomes. São Paulo: Alegro, 2002.

MEXIAS-SIMON, M. L.; OLIVEIRA, A. de M. **O nome do homem**: reflexões em torno dos nomes próprios. Rio de Janeiro: HP, 2004.

MIORANZA, C. **Filius Quondam**: a origem e o significado dos sobrenomes italianos. 2 ed. São Paulo: Larousse, 2009.

OBATA, R. **O livro dos nomes**. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

SCHAUREN, D. A. **A busca das origens**: história e genealogia da família Schauren. São Leopoldo: Oikos, 2011.

SEABRA, M. C. T. C. de. Referência e onomástica. In: **Múltiplas perspectivas em linguística**: Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL). Uberlândia: ILEEL, 2006. p. 1953-1960. Disponível em: http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_442.pdf. Acesso em: 01 de jul. de 2015.

SIMÕES, J. M. **Um breve estudo de antroponímia brasileira**: sobrenomes portugueses. Curitiba: Multideia, 2011.

VASCONCELOS, J. L. de. **Opúsculos**. Coimbra: Imprensa da Universidade, v. III, 1931.

Artigo recebido em: 02.11.2015

Artigo aprovado em: 16.12.2015